
um trabalho que ajuda a pensar e ver aqueles que foram reunidos sob o termo de nordestinos e aquela região que foi designada como Nordeste de forma plural.

¹ VEINE, Paul. *Como se escreve a História*. Brasília, EDUNB, 1982; CHODOROW, Nancy. *The Reproduction of Mothering*. Berkeley: University of California Press, 1978; CHODOROW, Nancy. *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990; PLECK, Joseph. "Men's Power with Women, other Men and Society: a Men's Movement Analysis." In: KIMMEL, Michael S., and MESSNER, Michael A. (eds.). *Men's Lives*. Boston: Allyn and Bacon, 1994, p. 33-41, apud OLIVEIRA, Pedro Paulo. "Discursos sobre a masculinidade". *Revista Estudos*

Feministas, IFCS/UFRJ, v. 6, n. 1, p. 91-112, 1998; LISAK, David. "Sexual Aggression, Masculinity and Fathers." *Signs*, v. 16, n. 2, Winter, 1991, apud OLIVEIRA, Pedro Paulo. Op. cit.; HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução de Flavio Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984; NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

² THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

³ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

Fernando Vojniak ■

Universidade Federal de Santa Catarina

"Mulheres italianas" e imaginário coletivo

Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências.

FAVARO, Cleci Eulália.

Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 258 p.

Cleci Eulália Favaro teve sua formação no Rio Grande do Sul: graduou-se em História pela Universidade de Caxias do Sul, concluiu mestrado (1986) e doutorado (1995) pela PUC-RS, e desde 1990 é professora e pesquisadora na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo. Ao longo de sua trajetória acadêmica, vem se especializando em discutir as relações de trabalho no espaço urbano industrial da sociedade do Rio Grande do Sul a partir da inserção dos imigrantes de origem européia – e, de modo especial, das mulheres – na região estudada. Dentro desse recorte temático, questões como representações, relações de gênero, história da família e história econômica vêm sendo contempladas com base em amplo trabalho de pesquisa, publicado em revistas e congressos de história.

Na obra *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências*,¹ Favaro defende a tese de que é preciso romper com o mito ainda presente no imaginário coletivo de que a mulher italiana teria atravessado o Atlântico e se

instalado no Sul do Brasil sem sofrer qualquer alteração de seus valores, práticas e lutas. A autora analisa o mito da *mamma* – ora representado pela mulher laboriosa e resignada, ora dominadora e corajosa – na perspectiva de desconstruí-lo, visando a forjar um novo conhecimento histórico que contemple a participação de tais mulheres na formação histórica, cultural, política e econômica da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul, entre as últimas décadas do século XIX e meados do século XX. A autora defende a validade de seu trabalho afirmando que as mulheres foram excluídas da história da imigração italiana do Rio Grande do Sul. Usando o recurso da história oral, na modalidade história de vida, Favaro percebe que as lembranças daquelas mulheres são profundamente vinculadas à história de suas famílias e às suas experiências de gênero.

No primeiro capítulo ("*La donna (in)móbile*: uma aproximação histórica ao tema"), a autora estabelece um debate com Engels² na expectativa de refletir sobre o papel da mulher a partir da origem da família, da propriedade privada e do Estado. A análise aponta que, primeiro, com o surgimento da propriedade privada e, depois, do Estado, o papel da mulher passou a ser hierarquizado e submetido a mecanismos de controle, como o casamento institucional e códigos que legitimavam os direitos de herança. Com o advento e expansão do capitalismo, acentuou-se consideravelmente a distinção entre o público e o privado. Nas sociedades industrializadas, entre os séculos XV

e XIX, o trabalho da mulher – junto com o das crianças, adolescentes e velhos – foi sensivelmente desprestigiado, o que trouxe consideráveis implicações às relações interpessoais e familiares. Entre elas, estariam algumas estratégias de sobrevivência, como o controle familiar e doméstico exercido direta e constantemente sobre os membros da família através da mulher mais velha, a mãe/sogra.

Em “*Andare via: lavoro e liberta – sociedade camponesa e mobilidade feminina*” (capítulo 2), Favaro problematiza histórias de vida, biografias, canções populares, provérbios do imaginário coletivo, esperando dar visibilidade à presença feminina nas comunidades do Norte italiano das décadas finais do século XIX. “Com o recurso a estas fontes emerge então uma mulher nem sempre subalterna, nem sempre submissa, nem sempre dominada, mas sempre ocultada pela história e pela ideologia” (p. 74). O desenvolvimento do capitalismo para a sociedade camponesa da Itália setentrional no século XIX acentuou os níveis de miséria que já eram altos no século XVIII, quando os proprietários de terra estavam intensificando a formação de uma “mais-valia”. Essa situação alterou a organização e a dinâmica familiar, acabando por liquidar a identificação tradicional entre unidade de parentela e unidade produtiva, o que resultou em um rompimento do indivíduo com os vínculos e limites familiares (p. 78). Tais transformações adquiriram expressão na mobilidade social de moças camponesas solteiras que migravam sazonalmente para as áreas urbanas a fim de trabalhar como operárias nas fábricas. O salário recebido não ficava de posse delas, sendo encaminhado para o sustento da família. Mesmo assim, essas jovens eram alvo de críticas, porque suas práticas, mesmo que necessárias, entravam em conflito com o ideal que se tinha de moça casadoira, de família, das comunidades rurais a que pertenciam. Dentro desse contexto, paradoxalmente, as relações familiares acentuaram as distinções entre o poder público atribuído ao homem, mais especificamente ao pai da família, e o poder doméstico/privado centralizado na pessoa da sogra, mulher mais velha que legitimava o seu poder através dos filhos homens. Como em outras sociedades camponesas, esta oferecia privilégios preferencialmente ao filho mais velho, de modo que os mais jovens e, sobretudo, as mulheres estavam em posição bem desfavorecida em relação à herança, sendo a pior delas a condição de nora. Favaro argumenta que as tensões familiares constituem um dos elementos

que favoreceram a empreitada de projetos migratórios para outras regiões da Europa e outros continentes, o que talvez reflita novas concepções de mundo que circulavam naquela região e que favoreciam o questionamento das formas tradicionais de herança e de exercício do poder familiar.

No terceiro capítulo (“*Moglie, donna, femmina* – as mulheres, entre o real e o idealizado”), Favaro analisa os discursos da Igreja e da imprensa da Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul entre o último quartel do século XIX e meados do século XX, além de estudar a iconografia e provérbios representativos de uma cultura oral de base social agrária transplantada e adaptada às novas condições de vida dos imigrantes. As imagens femininas representadas na documentação analisada apontam para uma definição do lugar social da mulher que, por vezes, circunscrevia um medo do poder contido no papel da ‘sogra’, especificidade que teria sido transplantada do Norte italiano para a região analisada. A autora também indica que os discursos da Igreja buscavam constituir sujeitos femininos aptos a obedecer às orientações, primeiro, de seus pais e, depois, de seus maridos. Tais mulheres, no imaginário social da região estudada, deveriam ser gratas, primeiro, pela oportunidade de ser dignificadas e santificadas pelo trabalho braçal e, segundo, pelo privilégio de poder ser esposa, mãe e aspirar a ter um filho homem para, através dele, acessar o poder de sogra, com ascendência sobre a família e, particularmente, sobre a nora. Nota-se aqui uma questão de gênero, já que o poder da sogra não é acessado através das filhas mulheres; muito pelo contrário, trata-se de um poder proporcionado às mães através dos filhos homens, particularmente através do primogênito.

Nesse capítulo Favaro também observa que as atividades assalariadas que elas tinham na Itália haviam sido abandonadas ao chegarem no Sul ao Brasil, ocasião em que tiveram muitas gestações e produziram força de trabalho através dos filhos gerados. Esse novo modelo familiar não foi isento de amplo conflito geracional. Somente após a década de 1930, voltaram a trabalhar nas fábricas têxteis da região, época em que antigos preconceitos existentes em relação à mulher que trabalha fora de casa reapareceram, sobretudo na imprensa católica. O período da Segunda Guerra Mundial marcou o aparecimento de idéias feministas; contudo, no nível das mentalidades coletivas, permanece a rígida separação entre espaço público/masculino e espaço doméstico/feminino, apesar das

profundas transformações econômicas em desenvolvimento. O peso desse fenômeno social mais uma vez recaía sobre as “transgressoras” (p. 153).

No capítulo seguinte (“*Sorelle diseguali* – a voz e a ‘fala’ feminina”), Favaro trabalha com história oral, através da modalidade história de vida, embasando sua reflexão teórica em Paul Thompson³ para analisar as entrevistas. Dentro dessa perspectiva, a autora busca, além de uma observação e interpretação da linguagem falada, uma análise sobre as falas do corpo expressas em gestos, movimentos e olhares, que, por vezes, contradizem as próprias falas. As depoentes apresentam o trabalho como um tema dominante, central, sobre o qual tecem uma imagem de si mesmas, de sua força física e moral, motivo de orgulho pessoal: a coragem, o destemor, o desvelo, o capricho, a imensa e inesgotável capacidade para o trabalho são os aspectos que se destacam nos seus discursos. Em suas falas, “a coragem reside em suportar todo o cansaço [e] no silêncio cotidiano, constante, obstinado, frente às injustiças. Um silêncio que não é de submissão (ao contrário, é uma conotação de força, de integridade pessoal, mas também de poder, de controle)” (p. 181).

No último capítulo (“*Noi, donne ‘italiane’* – tão iguais, tão diferentes”), Favaro tece considerações sobre o conjunto de ensinamentos e aprendizados que foram repassados de uma geração para outra na região colonial, ao redor do fogão, através da fala, dos gestos, das mensagens inscritas nos panos de parede, da tessitura dos enxovais. No longo e difícil aprendizado de ser mulher e, em especial, ‘mulher italiana’, mães repassaram para suas filhas valores relacionados à capacidade ‘feminina’ de atrair, seduzir, construir conhecimentos a partir da observação, além da necessidade de exercer poder enquanto mãe e sogra sobre toda a família. Segundo Favaro, foi considerando a capacidade de compreensão do fenômeno sexual que as mulheres aprenderam a reconhecer em si mesmas as possibilidades de conduzir o jogo, sempre que possível em seu próprio benefício (p. 215). Essas mulheres atribuíam um sentido de superioridade a si próprias em relação aos homens. Por tudo isso, para boa parte das depoentes, tais ensinamentos eram mais significativos do que o aprendizado escolar; contudo, para as que freqüentavam a escola, a professora se confundia com a mãe, e a própria escola parecia ser uma extensão de casa no que se refere à presença de uma mulher que exercia poder e autoridade

sobre suas vidas naquele espaço de ensino formal.

Favaro chega ao final de sua obra “concluindo, sem concluir” (p. 229), mas levando o leitor a refletir sobre o mito de que a mulher italiana teria se instalado no Sul do Brasil sem sofrer qualquer alteração de suas práticas culturais. Sua análise aponta que a manutenção desse mito foi estrategicamente conveniente em determinados momentos do passado, mas na atualidade ele deve ser relativizado a partir de questões como gênero, disputas de poder, entre outras, presentes nos processos históricos.

Concluo que a obra de Favaro é uma referência pela riqueza das fontes inéditas abordadas; contudo deve ser analisada com cuidado devido ao seu ecletismo teórico. A autora trata de assuntos polêmicos e dolorosos – como, por exemplo, as violências simbólicas às quais as mulheres estudadas foram submetidas – de forma, por vezes, bem humorada, procurando perceber os micropoderes presentes no interior dessas relações, sem cair na perspectiva opressor–oprimido. No entanto, a perspectiva de análise teórica, a meu ver, está um tanto quanto indefinida, uma vez que a autora tenta estabelecer um diálogo entre a história cultural e a história sócio-econômica. Isso proporciona uma certa descontinuidade no eixo das discussões que perpassam as 258 páginas da obra. Os cinco capítulos apresentam abordagens bem distintas, passando por categorias de análise como classe social, discurso, representação, gênero, entre outras, às vezes sem deixar clara a articulação entre uma e outra. Tudo indica que a obra foi construída durante um longo período de pesquisa, análise e escrita, e que Favaro, ao longo do processo, foi incorporando diferentes categorias de análise, de forma eclética, sem, aparentemente, dar-se conta disso. Entretanto, vale observar que essa obra tem muito a contribuir com as discussões de gênero, uma vez que discute as disputas de poder entre homens e mulheres e, particularmente, entre mulheres e mulheres, quando problematiza as relações familiares e os conflitos interpessoais entre sogras e noras na região estudada.

Avalio que, apesar das restrições teóricas mencionadas, *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências* traz contribuições significativas sobre assuntos como a história da família e da educação no embricamento das relações de gênero, além de ter o mérito de questionar uma tradição historiográfica sedimentada a respeito da imigração italiana, a qual costuma privilegiar um enfoque que glorifica

os imigrantes italianos em seu papel de 'pioneiros' ou de portadores do progresso que teriam trazido para essas paragens com seu 'árido trabalho', deixando de analisar o cotidiano e as tensões que a vida desses colonos comportava.

¹ Essa obra é o resultado do trabalho de pesquisa orientado pelo Prof. Dr. Braz Augusto Aquino Brancato e apresentado como tese de doutoramento em História por Favaro, publicada sete anos mais tarde. Vale observar que esse trabalho teve o apoio financeiro da FAPERGS e da CAPES, o que viabilizou a realização de uma ampla pesquisa em fontes primárias, inclusive arquivos do Norte da Itália e entrevistas com mulheres

idosas daquela região.

² ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

³ THOMPSON, Paul. "Problemi di metodo nella storia orale". In: PASSERINI, L (Org.). *Storia orale: vita quotidiana e cultura materiale delle classi subalterne*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1976. p. 30-68; THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Juçara de Souza Castello Branco ■
Universidade Federal de Santa Catarina

Mulheres de renome, mulheres renomeadas: as 'outras' da Antropologia

Antropólogas & Antropologia.

CORRÊA, Mariza.

Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003. 278 p.

Mesmo que não pertençamos à tradição do campo de saber chamado Antropologia, como é meu caso, o livro nos captura, principalmente para quem tem algum interesse sobre questões que envolvem as relações de gênero. A autora do livro traz à tona as histórias de três mulheres que ousaram de alguma forma destacarem-se em uma área (como tantas outras) de domínio quase exclusivo de homens. São elas, como define a própria Mariza Corrêa: "a ornitóloga [Emilia Sneath] que deveria cair cativa do canto de um pássaro sedutor; a aventureira [Leolinda Daltro] que deveria se aventurar pelos sertões, de fato à procura de um homem, ou a diretora de museu [Heloisa Alberto Torres] que, solteira, deveria viajar com uma companhia masculina – jovem e inepta, mas masculina, de acordo com os relatos, históricos ou romanceados, de suas trajetórias..." (p. 14). O tom irônico desse trecho perpassa boa parte do livro, nos instigando a pensar sobre como essas vidas de mulheres foram narradas, como a linguagem que as nomeia está envolta de expectativas quanto aos comportamentos ideais para os gêneros. Um homem e uma mulher são narrados da mesma maneira? O que fazem essas mulheres

nesse espaço público, espaço masculino por excelência? Onde elas 'deveriam' estar? Uma mulher sozinha pode ser uma antropóloga, ou ela pode apenas ser uma 'parceira etnográfica' de um homem?

A questão da linguagem, tanto nos relatos históricos como literários trazidos pela autora sobre essas 'mulheres excepcionais', atravessa todo o livro. A linguagem que narra essas mulheres está, sem dúvida, repleta de questões de gênero e sexualidade. É a sexualidade que está sempre em jogo quando se fala de mulheres que se destacam em um espaço no qual, segundo uma determinada ótica masculina, elas não 'deveriam' estar. Se elas ocupam esse espaço, deve haver outras razões que não exatamente as relativas a sua competência profissional. Se duvidamos de que a linguagem inscreve-se ou corporifica as diferenças de gênero, basta pensarmos nas definições de 'homem público' e 'mulher pública' em seu sentido mais comum. Ou ainda, como lembra Mariza Corrêa, no sentido que é dado aos homens antropólogos, denominados elogiosamente como 'aventureiros' em contraposição ao sentido negativo e de forte conotação sexual atribuído às mulheres antropólogas 'aventureiras', com um certo tom de desconfiança diante das reais intenções dessas mulheres que se aventuram em florestas ou entre os índios.

Como afirma a autora, a análise das narrativas sobre essas mulheres "parece explicitar que a sociedade é regida por lógicas distintas,